

GT48: Infraestruturas na antropologia: perspectivas teóricas, etnográficas e políticas

Alex Giuliano Vailati, Maria Raquel Passos Lima

Desde que a noção de infraestrutura adentrou a discussão antropológica, passando a ser progressivamente submetida à perspectiva etnográfica, muitos debates se abriram num processo continuamente renovado. Geralmente pensadas como interligadas ao mundo urbano, as infraestruturas mediam fluxos e escalas translocais e transnacionais colocando pessoas, objetos e práticas em espaços de contato sob os quais sistemas políticos, econômicos e sociais operam. Há uma multiplicidade de agentes que produzem infraestruturas e mostram o caráter cotidiano de suas relações com o Estado, agentes corporativos privados, comunidades e outros grupos. Além disso, infraestruturas podem ser consideradas artefatos com formas específicas, que a análise antropológica pode explorar não só como representações do mundo, mas também como uma costura material na qual a dimensão estética está intimamente ligada à política. A discussão antropológica sobre infraestruturas traz o debate para a chave teórico-metodológica, ressaltando como sua definição depende de escolhas, de um foco e de recortes, configurando um processo reflexivo que pressupõe uma análise cultural, perspectivas econômicas, compromissos epistemológicos e políticos. O objetivo deste GT é mapear este campo em expansão, destacando e refletindo sobre etnografias e contribuições teóricas que, a partir de epistemologias e posicionamentos que remetem ao sul global, dialoguem com a mais ampla literatura antropológica produzida sobre infraestruturas.

Relações entre cotidiano e infraestruturas urbanas antes, durante e após o "apagão" no Amapá

Autoria: Newan Acacio Oliveira de Souza, Alicia N.G.de Castells

Em novembro de 2020, o estado do Amapá passou pela maior crise de distribuição de energia elétrica de sua história. O "apagão" se desenrolou em diferentes vertentes da vida cotidiana da população. Desse momento em diante, muitas outras crises instalaram-se no estado, a de falta de água, falta de comida e de comunicação, por exemplo. Momentos sufocantes e desesperadores definem muitos dos relatos. Passados quase dois anos, vejo-me dentro desse "acontecimento" ao produzir uma etnografia sobre uma região de ressaca na cidade de Santana, no Amapá, e perceber que se instalou uma verdadeira cisão na relação (já calejada) entre sujeitos e infraestruturas ligadas a energia elétrica. Este trabalho tem como intuito pensar as dinâmicas produzidas pelo "apagão" na vida das pessoas, trazendo à tona temporalidades que auxiliem a construir um cenário antes, durante e pós apagão. Com esse objetivo apresento uma análise sobre os dados e informações produzidas sobre o "apagão" durante 2020 na rede social Twitter, a partir de minha inserção e trocas na plataforma. Além disso, as narrativas sobre o advento de infraestruturas urbanas (fornecimento de água, eletricidade e esgoto) na área de ressaca aterrada que compõem parte das minhas reflexões atuais sobre urbanização e cidade. Assim, as infraestruturas são interpretadas aqui como materializações da vida na cidade - que são geridas e constituídas a partir de aparatos do Estado ou da iniciativa privada - e que no seu processo de surgimento e interrupção provocam mudanças no cotidiano de diversas famílias, bairros e de uma cidade inteira.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

